

APONTAMENTOS DAS LUTAS DE PODER NA TRAJETÓRIA POLÍTICA DO FUTEBOL BRASILEIRO

Rodrigo Koch¹

Recebido em: 12/12/2012 | Aceito em: 17/06/2013

Resumo

Neste texto, apresento momentos históricos na constituição do futebol brasileiro com objetivo de marcar e pontuar intensas lutas de poder, que se configuraram em viradas, deslocamentos ou transformações sóciopolítico-culturais. A metodologia utilizada para este trabalho foi a revisão bibliográfica através da recuperação de fatos históricos, com a sua análise sociológica. Houve e parece que sempre haverá lutas de poder neste campo cultural e marco da identidade dos brasileiros.

Palavras-Chave: futebol; poder; política.

NOTES OF POWER STRUGGLES IN THE POLITICAL HISTORY OF BRAZILIAN SOCCER

Abstract:

In this paper I present historical moments in the formation of Brazilian football with the objective of marking and scoring intense power struggles, which configured themselves into offsets and displacements or socio-political-cultural transformations. The methodology used for this study was the bibliographic review through the recovery of historical facts with their sociological analysis. There were and it seems that there will always be power struggles in this cultural field and a mark of the identity of the Brazilians.

Keywords: soccer (football); power; politics.

Introdução

Neste texto apresento momentos históricos na constituição do futebol brasileiro que foram marcados e pontuados por intensas lutas de poder, se configurando em viradas sociais e culturais, além de outros períodos ‘dessa história’ que aqui não podem ser considerados efetivamente *viradas* e, sim apenas

¹ Rodrigo Koch é graduado em Educação Física pela ULBRA; pós-graduado em Administração e Marketing Esportivo pela Universidade Gama Filho; e mestre em Educação pela ULBRA. Atualmente é coordenador do curso de Pedagogia e professor da UERGS (Unidade São Francisco de Paula). É autor dos livros: *Universiade 1963 - História e Resultados dos Jogos Mundiais Universitários de Porto Alegre*; *Tie-Break - A saga dourada do vôlei masculino do Brasil*; *A Vitória vem dos Céus - A trajetória do brasileiro campeão mundial de judô*; e *Celeste Olímpica - A era de ouro da seleção uruguaia*.

deslocamentos ou transformações sócio-político-culturais. Conforme Santos (2009), o futebol faz parte do movimento modernizador da nação, mas é diferente de outras práticas esportivas-culturais emergentes na passagem do século XIX para o XX, como o remo. O futebol teve a capacidade de mobilizar múltiplas dimensões simbólicas e reais, que transformaram o cenário esportivo e, de alguma forma, a própria sociedade. A diferença em relação as outras modalidades estava na questão de que “torcer e praticar o esporte [futebol] eram práticas iguais, ao contrário das corridas de cavalo ou do remo, esportes com os quais o espectador vibrava, mas não encontrava meios de praticá-lo no dia-a-dia.” (SILVA 2006, pp. 28-29) **[acréscimo e grifo meus]**

No Brasil, o futebol assumiu contornos diferenciados e parece ser o movimento social com efetivo poder aglutinador, pois se tornou mais forte que as religiões, os partidos políticos ou até o próprio matrimônio. Exemplo disso, é que em nosso país existem inúmeros segmentos religiosos, se permite as trocas de partidos políticos a cada processo eleitoral, e de cônjuge quantas vezes forem necessárias, mais é inadmissível deixar de torcer pelo seu ‘time do coração’ ou pela seleção. Portanto, o objetivo deste estudo é resgatar períodos marcantes do futebol no Brasil nos campos social, político e cultural. Apresento a seguir duas viradas pontuais no futebol brasileiro – a entrada dos negros e pobres na modalidade, e a troca de poder nas negociações comerciais com a mercantilização do esporte. Entre essas duas *viradas*, para seguir uma ordem cronológica dos fatos na história do futebol no Brasil, apresentarei outras transformações, deslocamentos e rupturas significativas que instituíram as bases e contribuíram para a construção da *futebolização* no país. Utilizo como ponto de partida para esta análise a cronologia feita por Branco (2006 p. 195-220):

1894 a 1904 – quando o futebol se manteve restrito aos clubes urbanos pertencentes a estrangeiros;

1905 a 1933 – período de amadorismo, marcado por grandes passos de divulgação e pressão crescente para melhorar o nível do jogo através de subsídios para os jogadores;

1933 a 1950 – o período inicial do profissionalismo;

1950 a 1980 – de reconhecimento do futebol brasileiro em nível internacional, acompanhado por uma comercialização sofisticada;

1980 a 1990 – o futebol substituindo o indivíduo

Popularização do futebol e a entrada dos negros na modalidade

Segundo historiadores e sociólogos do esporte, o futebol desembarcou no Brasil no final do século XIX com os marinheiros ingleses – que se divertiam em espaços improvisados nos poucos momentos de folga – e com os filhos da ‘elite nacional’ – que retornavam dos estudos no velho continente, onde haviam tido contato com a modalidade nos colégios britânicos, e traziam na bagagem artefatos (bola, livro de regras, e uniformes) do ‘novo jogo’. Assim, o futebol seguia o rumo do colonialismo inglês. O esporte tinha os atributos necessários para atrair os interesses de todos. De acordo com apontamentos do historiador Nicolau Sevcenko (*apud* FRANZINI 2009, p. 109),

por ser um esporte de equipe, por não requerer de seus jogadores nenhum atributo físico especial, por ser jogado em qualquer condição, por admitir o acaso e o imponderável, por ser, enfim, bastante acessível, compreensível e emocionante, o futebol se presta maravilhosamente para consolidar vínculos de identidade plenos de carga afetiva.

O esporte, não só o futebol, na entrada do século XX, exigia uma conduta exemplar, ou seja, disciplina e boa educação. Durante décadas os britânicos acreditaram ser àquele um jogo só deles, pois jamais houve interesse em exportar esse hábito, inclusive, com a longa recusa dos ‘súditos da rainha’ em participar de torneios internacionais.

Os ingleses, espalhados pelo mundo devido ao vigor de seu império, procuravam ali jogar futebol apenas entre si, resistindo à participação dos nativos. Estes é que passaram espontaneamente a imitar aquela prática esportiva, demonstrando que ela refletia valores profundos de muitas sociedades, não apenas da Grã-Bretanha. (FRANCO JÚNIOR 2007, p. 29)

Principalmente na capital da República, o Rio de Janeiro dos anos 1900, o futebol deixava de ser um mero divertimento de ingleses e de seus descendentes e ampliava seu círculo de praticantes para as camadas populares, embora ainda sem perder sua marca europeia e aristocrática. No entanto não era este o desejo da burguesia brasileira. A intenção era legitimar o esporte por aqui como algo pertencente às elites. Segundo Santos (2009) “um importante foco de tensão se deu a partir do entendimento que o futebol não deveria ser praticado por aqueles que não compartilhassem do *ethos* da modernidade” (SANTOS, 2009, p. 181). Franzini (2009, p. 121-122) descreve a situação em um dos capítulos da obra *História do Esporte no Brasil*:

Não é difícil imaginar que essa expansão desordenada do futebol para além das fronteiras geográficas e sociais que separavam a elite do povo nas duas principais cidades brasileiras devia incomodar bastante aqueles que se julgavam os donos da bola. Afinal, subúrbios, várzeas e até mesmo fábricas, onde se tornava cada vez mais comum a organização de equipes entre os operários, não eram espaços dotados da elegância e do refinamento que o esporte bretão supostamente exigia, ao menos a seus olhos. Numa sociedade ainda muito marcada pelo senso de hierarquia e pelo ranço escravocrata, a entrada em campo de pobres, negros e trabalhadores braçais significava a vulgarização, em seu sentido pejorativo, dos nobres ideais que o esporte trazia em si e que deveriam ser preservados. A reação a tal indesejada aproximação de camadas sociais historicamente separadas pelo profundo fosso da desigualdade não tardou, como seria de esperar,.

Nas primeiras décadas do século XX, houve uma segregação racial no futebol com a criação de leis excludentes no esporte, que obrigaram o surgimento de ligas independentes, mas sem reconhecimento. Por exemplo, no sul do país, ocorreu a separação entre futebol ‘oficial’, a partir de 1910 representado pela Liga Porto-Alegrense de Football, e o futebol ‘popular’, que criou suas próprias organizações, como foi o caso da Liga dos Canelas Pretas, cujo nome pejorativo já expressava o perfil de seus associados. Também nas páginas dos jornais era claro o preconceito com negros e pobres. O *Sport Ilustrado*² de 26 de março de 1921 destacava:

É muito melhor e mais bonito apresentar-se em campo um *team* de rapazes decentes que, embora não saibam jogar, porém que tem educação esportiva e representação no meio social, aos que se tem apresentado **mal educados**, e estúpidos no modo de jogar, (...)
[grifo meu]

O conceito de ‘*mal educado*’ nessa época estava diretamente relacionado ao cidadão que não havia

² Principal jornal esportivo do Brasil nas décadas de 1910 e 1920.

frequentado a escola em continente europeu, no caso os colégios britânicos ou franceses que recebiam anualmente filhos da burguesia luso-brasileira. A popularidade que o futebol conseguiu no curto espaço de tempo de menos de cinco anos (1895-1900), agregada ao seu caráter de esporte moderno, fez com que ele se tornasse um local cultural de lutas sociais, com explícitas demonstrações de racismo. Uma das artimanhas e artificios dos clubes de futebol para excluir os negros e pobres, era condicionar sua presença à aprovação do conselho de sócios. Não adiantaria que estes superassem todas as outras barreiras, pois já no conselho seriam reprovados por não possuírem adequados códigos de valores e cor da pele (SANTOS 2009).

A relação entre estes dois grupos foi desigual. Um dos grupos era formado pelos estabelecidos. Aqueles que detinham o poder econômico e, principalmente, pretendiam determinar quais seriam as práticas e valores aceitáveis para a época. O outro grupo era formado pelos *outsiders*, ou seja, as camadas populares. Desprovidos de poder econômico, e em larga escala marcados pela cor (essencialmente negra), tinham seus aspectos diacríticos e peculiares marcados pela imprensa e pelos grupos que se colocavam como modelo, criticados, subjugados e, várias vezes, perseguidos (SANTOS, 2009, p. 209).

Mas esse contexto um dia mudaria. A primeira *virada* significativa do futebol brasileiro teria ocorrido na entrada da década de 1920. Primeiro, em 1919, se produzindo o grande amálgama entre o sentimento nacional e a bola, graças ao terceiro Campeonato Sul-Americano de Futebol, realizado no Rio de Janeiro, com vitória da seleção brasileira contando com a presença de diversos jogadores na equipe que pertenciam às camadas sociais mais baixas da população. Os indivíduos da chamada '*elite brasileira*', a '*gran fina sociedade*', não davam mais conta frente à necessidade de vitórias nos desafios esportivos e, com isso, necessitavam de membros de outros grupos sociais que possibilitassem a vitória nas partidas e torneios. É necessário destacar que certos traços culturais eram também trazidos para o campo esportivo, portanto, o improvisado do cotidiano social das classes menos favorecidas se traduzia na *ginga* e habilidade que conduziam às vitórias. As equipes passaram, então, a contar com funcionários das empresas dirigidas pelos donos dos clubes esportivos. Neste momento, passou-se a exigir como condição indispensável sem a qual não era possível conseguir emprego, a qualidade de bom jogador de futebol. Ainda assim, as tensões neste campo social – o esporte – continuavam conforme Coelho (2006, p. 240):

Dentre os ricos e abastados, defensores do amadorismo e do arianismo como modelo de selecionado nacional, essa ascensão popular de jogadores negros e mulatos de qualidade técnica inegável criava uma situação nova e contraditória. Para os que realmente queriam a expansão do esporte e o sucesso do futebol brasileiro frente a outras nações (principalmente na América do Sul), o que pesava era a qualidade do selecionado, fazendo com que a presença desses jogadores fosse necessária. Para aqueles que queriam permanecer com o futebol como símbolo de diferenciação social e hábito específico de uma elite, o fato desses jogadores negros e mulatos atuarem com cada vez maior frequência os distanciava do esporte. Nunca é demais lembrarmos que, em 1921, o próprio presidente da República, Epitácio Pessoa, se empenhou em “limpar” o selecionado brasileiro para o Campeonato Sul-Americano daquele ano (Argentina), proibindo a presença de jogadores negros.

O ícone desta época é o time do Vasco da Gama de 1923, formado basicamente por negros e pobres e financiado pelos colonizadores portugueses em sua maioria donos de padarias na então capital federal. A equipe conquistou o título carioca, quebrando preconceitos e mudando paradigmas. Em 1916, o clube ainda habitava a terceira divisão do futebol carioca e rapidamente com a presença desses jogadores, que eram

registrados como empregados de estabelecimentos portugueses e quando procurados estavam realizando ‘serviços externos ou de folga’, o Vasco ascendeu esportivamente enquanto que seus atletas ‘amadores’ ascenderam socialmente (NAPOLEÃO 2006). Santos (2009) destaca que:

O futebol proporcionou visibilidade a um grupo de indivíduos que eram até então invisíveis. As classes populares, apesar dos limites, operaram com muita sagacidade sobre seus problemas e alcançaram resultados valiosos no cenário social a partir do futebol. Isso tudo se deu a partir de muitas tensões e, fundamentalmente por isso, este esporte se tornou tão significativo para a história do Brasil (p. 211).

Estas rupturas raciais vinham ocorrendo de forma gradativa nos anos anteriores e, teve sua grande virada em meados dos anos 1920:

Ainda nos anos [19]10 os pobres – e claro, negros e mestiços – não podiam participar da vida do futebol, seja por serem sumariamente rejeitados pelos clubes, seja por não terem um estilo de vida que comportasse os hábitos e práticas dos jovens amadores da zona sul e bairros nobres do Rio de Janeiro. Entretanto, a partir das conquistas do Bangu, entre 1906 e 1910, e do Vasco da Gama, em 1923 e 24, e de outros eventos esparsos, a pressão pela incorporação de negros e mestiços e a consequente ruptura com a regra do amadorismo tornam-se o centro político do futebol brasileiro. São esses pobres os principais elementos que fixariam esta relação inequívoca entre brasileiros e jogadores de futebol (...) (SILVA, 2006, p. 29)

O esporte se tornou uma das mais importantes ferramentas de inserção e ascensão social existentes dentro de um sociedade. Foi através da prática desportiva que as mais diversas camadas sociais se comunicaram de maneira aberta e direta e, principalmente, é através dela que as possibilidades de ascensão social, ainda que para poucos, se tornaram reais durante a história social brasileira. (SANTOS 2006, p. 34)

O Brasil vivia um momento de miscigenação cultural, com um período que marca com destaque o samba e o futebol como elementos de definição da nova identidade nacional. O samba conquistava as classes altas e o futebol se transformava na maior paixão das camadas populares (COSTA 2006). A sociologia do futebol pouco variou ao longo dos anos, independente da nação: este se tornou e é o espaço da classe trabalhadora (FOER 2005). Prova disso são inúmeras fábricas e indústrias que se transformaram ou deram origem a clubes de futebol em todo mundo, como siderúrgicas, companhias ferroviárias, automobilísticas, fabris e até de armamentos.

Transformações e deslocamentos no cenário sóciopolítico-esportivo brasileiro

Apesar da ascensão e aceitação de negros e pobres no futebol a partir da década de 1920, os conflitos raciais seguiram no cenário esportivo brasileiro. Com a entrada política do país na Era Vargas, a partir de 1930, outras lutas culturais no futebol seriam travadas, gerando transformações políticas e sociais que vamos considerar aqui como deslocamentos e rupturas. Não houve mudanças de sentido na construção do futebol como marco cultural brasileiro e, sim, acréscimos no fortalecimento desta ferramenta de dominação na qual se transformou o futebol. “É sobretudo a partir da década de 1930, sob a égide e perspectiva do governo Getúlio Vargas, que o futebol assume papel relevante na política e na construção da identidade

nacional” (SILVA, 2006, p. 11).

Getúlio Vargas percebeu a atração e o poder que o futebol tinha sobre a população e passou a preferir boa parte de seus discursos no Estádio São Januário, do Vasco da Gama, o maior da capital federal na época, que se transformou em palco esportivo e político.

É com essa associação entre esporte e Estado que o futebol se torna peça fundamental na propaganda do governo getulista. Esportes como o atletismo, a natação e o tênis não despertavam a mesma paixão que o velho jogo inglês. Getúlio Vargas percebia o poder do futebol sobre o povo. (COSTA, 2006, p. 109)

Com isso, ele aproximava as questões políticas do futebol de sua plataforma de governo. O debate que ocorria em vários países neste período era sobre a profissionalização ou não do futebol, marcada pela criação da Copa do Mundo pela FIFA – evento que reunia as principais nações em busca do troféu Jules Rimet, que chancelava o vencedor como melhor time de futebol do planeta. A má participação brasileira, ainda com uma seleção amadora e cheia de problemas administrativos, na primeira Copa do Mundo (Uruguai-1930), fez com que o governo Vargas criasse a Federação Brasileira de Futebol (FBF), que passaria a introduzir as marcas do esporte profissional. O profissionalismo foi instituído em 1933 incorporando ao mundo do trabalho, ideologia poderosa do período varguista, os novos heróis nacionais: os jogadores de futebol (SANTOS, 2006). A ideia não foi bem aceita de início pela grande maioria dos clubes, pois havia o conflito de interesses entre FBF e Confederação Brasileira de Desportos (CBD), resultando em um novo fracasso na Copa da Itália em 1934. Algo precisava ser feito, e um novo órgão foi criado: o Conselho Nacional de Esportes (CNE). O CNE representava uma intervenção federal no futebol. Também no período varguista, o rádio recebeu incentivos federais para transmitir o maior número possível de jogos de futebol em sua programação dos finais de semana. A mídia passava a contribuir para a difusão acelerada do futebol em território brasileiro, dando maior atenção aos clubes do Rio de Janeiro, então capital federal. Durante muitos anos, as torcidas dos times cariocas foram destacadas de norte a sul do Brasil graças às ondas sonoras da Rádio Nacional, que penetravam todo o território, e difundiam os valores de Flamengo, Vasco, Botafogo, Fluminense e América.

O golpe do Estado Novo (1937), mantendo Vargas no poder, se valeria também do futebol para consolidar o novo regime. Com a presença dos melhores jogadores do país na seleção, o terceiro lugar obtido na Copa do Mundo da França em 1938 revelou o Brasil para o mundo e provavelmente começava assim a íntima relação entre futebol e identidade brasileira. A partir desse período, Getúlio usou o futebol para lançar decretos lei que além de favorecer o esporte também tinham como objetivo disciplinar a nação que brevemente estaria envolvida na Segunda Guerra Mundial. Houve uma institucionalização representativa do futebol no Brasil. O selecionado tornou-se um dos trunfos da propaganda em torno do nacionalismo. O CNE passava a ter como objetivos orientar, fiscalizar e incentivar o esporte. Foi criado o sistema nacional de esportes – vigente até hoje – com confederações, federações, clubes e associações; e barreiras para a participação feminina em muitas modalidades consideradas impróprias e não adaptáveis às mulheres. Vargas imaginava o esporte, sobretudo o futebol, com o poder miraculoso de conciliação política (COSTA 2006). Com a entrada do Brasil na II Grande Guerra, por exigência federal, houve uma nacionalização dos clubes com alterações de nomes e dirigentes. As entidades não poderiam mais ter nomes como Palestra Itália³ ou Germânia, e descendentes italianos, alemães e japoneses estavam proibidos de participarem das

³ *Palestra Itália* era o nome original de *Palmeiras (SP)* e *Cruzeiro (MG)*.

diretorias dessas instituições esportivas.

O futebol (...) parece fornecer uma identidade nacional – a mesma que as campanhas políticas nacionalistas (...). O futebol (...) parece suprir a necessidade de coesão popular. E também substituir a necessidade de militarismo e revolução – uma vez que o confronto nos campos determinava prestígios nacionais, da mesma forma que nas guerras. (BRANCO, 2006, p. 191)

Circunscrito a esse momento, que caracterizo aqui como deslocamentos e transformações do futebol brasileiro na Nova República, há outro fato marcante: a construção do Maracanã para sediar a IV Copa do Mundo. Erguer o maior estádio do planeta e receber o maior evento esportivo⁴ representava muito para o Brasil no cenário internacional do pós-guerra. “A construção do Maracanã tem uma conotação simbólica importantíssima dentro da formação deste discurso de grandiosidade da nação” (HELAL; CABO; SILVA, 2010, p. 12). Não só do ponto de vista esportivo o Brasil crescia, pois muitos outros interesses estavam em jogo. O Brasil perdeu a decisão daquele mundial de 1950, mas o que ficou marcado foi o poder que o futebol teve em aglutinar toda a nação em torno de um interesse único. De norte a sul do país, presentes nos estádios ou com ouvidos grudados no rádio, as pessoas estavam vinculadas à Copa do Mundo. A construção de um estádio com proporções gigantescas para a época dava aos brasileiros o *selo* de crédito e responsabilidade.

A participação do Brasil na Copa de 1950, que poderia ser vista como o melhor resultado da seleção brasileira na época, ao sagra-se vice-campeã, transformou-se numa história de tragédia nacional que deve ser constantemente relida e reinterpretada. Afinal, a saga heroica do futebol brasileiro inicia-se com essa queda. (SALVADOR; SOARES, 2009, p.16)

Os brasileiros viviam, no país, um momento de *anos dourados*, com uma ascensão meteórica da nação no âmbito internacional. O governo JK dava sequência à megalomania que estava instalada, e prometia progresso de cinquenta anos em cinco, com a construção de Brasília, uma cidade inteiramente projetada para ser a nova capital federal.

O futebol como instrumento da ditadura

O futebol brasileiro, mesmo tendo ‘fracassado’ na Copa do Mundo de 1950, havia superado o sentimento de inferioridade perante os demais países e logo conquistaria seus primeiros títulos mundiais em competições seguintes⁵. O esporte por aqui produzia figuras de reconhecimento internacional, como os jogadores Garrincha, Didi e Pelé. As multidões corriam para os estádios para ver a seleção brasileira jogar, seja em solo brasileiro ou em qualquer outro país. As plateias dos estádios tinham a garantia de um jogo bonito, de estilo diferente, quase um ‘espetáculo de arte’. Diante de uma nova mudança na conjuntura política brasileira, o futebol – diga-se aqui a seleção brasileira – seria utilizado como instrumento do regime ditatorial militar instalado em 1964 para fortalecer laços de paixão pela pátria. Quem fosse contrário a esse *discurso* deveria deixar a nação. Alguns slogans desse período são expressão disso, como “*Brasil: Ame-o ou Deixe-o*” e “*Ninguém Segura Este País*”.

⁴ Os Jogos Olímpicos ainda não haviam atingido o status de grande evento esportivo que detém no momento atual.

⁵ Campeonato e bicampeonato Mundial nas Copas do Mundo da Suécia (1958) e Chile (1962).

Depois de duas conquistas, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) apostou em um grupo de jogadores veteranos para tentar o terceiro título consecutivo e obteve uma das piores campanhas do Brasil em Copas do Mundo, na Inglaterra em 1966, com a seleção sendo eliminada na primeira fase. Assim como ocorrera no governo Vargas, houve uma intervenção federal na entidade. Os militares passaram a exercer forte influência no futebol, tomando as principais decisões. Presidentes do país escolhidos por uma junta militar davam palpites nas convocações e escalasções da seleção brasileira. O jornalista João Saldanha, então técnico do Brasil, não aguentou as pressões e deixou o cargo após a classificação da seleção nas eliminatórias para a Copa do Mundo do México de 1970.

De acordo com publicações, matérias de jornais, ditos populares e declarações do próprio, o ex-jogador, bicampeão mundial, Mario Jorge Lobo Zagallo foi chamado para o cargo e concordou com muitas ordens que lhe foram dadas, como a inclusão de preparadores físicos do exército na comissão técnica e a implantação de conhecimentos da ciência no esporte⁶. Não havia alternativa de comando. Sob a tutela de Emílio Garrastazu Médici, o Brasil foi novamente campeão mundial de futebol e conquistou em definitivo a Taça Jules Rimet⁷. A vitória teve um simbolismo especial para o regime militar, pois legitimava a ditadura imposta. Segundo alguns autores, o título teria sido o principal instrumento do sistema político implantado.

Em pleno carnaval da vitória de 1970, o general Médici, ditador do Brasil, presenteou com dinheiro os jogadores, posou para os fotógrafos com o troféu nas mãos e até cabeceou uma bola na frente das câmeras. A marcha composta para a seleção, *Pra Frente Brasil*, transformou-se na música oficial do governo, enquanto a imagem de Pelé voando sobre a grama ilustrava, na televisão, anúncios que proclamavam: Ninguém segura o Brasil. (GALEANO, 1995, p. 158).

Os festejos e solenidades, e as consequências da vitória no México para o futebol e a política no Brasil, também são destacados por Branco (2006, p. 214):

Dois dias de celebração nacional (com festejos carnavalescos) marcaram o campeonato como uma afirmação das aspirações brasileiras à grandeza e também como consagração e vitória do regime militar. O futebol passou a representar um dos pilares centrais de sustentação ideológica para o regime militar.

Novas mudanças na política do futebol nacional se anunciavam. Se diante da falta de estrutura e da desorganização que imperava, o Brasil já havia chegado a três títulos mundiais em poucos mais de 12 anos, imaginem o que poderia acontecer com tudo isso caminhando de uma forma ordenada. A CBD se transformou em Confederação Brasileira de Futebol (CBF) no final dos anos 1970 e passaria a cuidar apenas dos interesses da modalidade mais popular no país. Foi criado o Campeonato Brasileiro de Futebol, a partir de 1971, com a participação dos principais clubes de norte a sul do Brasil. No entanto, os critérios de definição dos participantes não eram divulgados de forma clara. A entrada de representantes dos diversos Estados da nação se dava através de amizades pessoais, pressões políticas e da exigência da construção de um estádio com as condições estabelecidas pelos mandatários do futebol brasileiro. A cada

⁶ A comissão técnica era composta por um grupo de especialistas na área da preparação física: Admildo Chirol, Claudio Coutinho, Carlos Alberto Parreira e Lamartine Pereira da Costa, este último, responsável direto pelos estudos de *Altitude Training*. Todos eram vinculados às Forças Armadas.

⁷ De acordo com o regulamento da FIFA, o país que conquistasse pela terceira vez a Copa do Mundo, poderia ficar de posse definitiva do troféu.

ano, a competição recebia um maior número de participantes, ocasionando um ‘inchaço’ no torneio, e novas praças esportivas “faraônicas” eram construídas com verbas públicas, evidencia de que o esporte estava extremamente vinculado à política, que neste momento apresentava um cenário bipolar no Brasil: Arena (militares) X MDB (democratas). Uma frase se tornou comum nas rodas populares: “*Onde a Arena vai mal, mais um time no Nacional*”, fazendo referência clara da utilização do futebol como instrumento político. Em pouco mais de três anos, período entre 1972 e 1975, cerca de trinta (30) estádios foram construídos no Brasil com verbas públicas e incentivo dos militares. Segundo alguns, o espetáculo *circense*, que com apoio da mídia – principalmente radiofônica e televisiva – causava a alienação do povo, estava armado. As Copas do Mundo passaram a parar o país nos dias de jogos da seleção brasileira.

Independentemente da manipulação política exercida pelos governos ditatoriais, no âmbito cultural, a vitória no Mundial de 1970 consolidou o futebol como elemento de identificação cultural fortalecendo o sentido de pertencimento à nação durante as Copas do Mundo entre os brasileiros (HELAL; CABO; SILVA, 2010, p. 14).

Com o passar dos anos, não só o novo modelo de gestão do futebol foi enfraquecendo diante dos resultados negativos da seleção nacional e de clubes brasileiros em competições internacionais, como também o regime ditatorial militar, que começou a ser contestado por seu excessivo e crescente autoritarismo marcado por censura e opressão. “Ao final da ditadura militar, em 1985, o Brasil constituía um dos piores exemplos do mundo em matéria de desigualdade de renda” (FOER, 2005, p. 113). A sociedade começava a clamar por mudanças no âmbito esportivo e sócio-político da nação.

Globalização e mercantilização do futebol brasileiro

Se no campo político do Brasil houve o movimento de *Diretas Já!* por reformas no regime de governo, contribuindo para livrar o país da ditadura militar em 1985, não tardaria muito para que no futebol brasileiro ocorresse algo semelhante. A primeira experiência transformadora já havia ocorrido com o Corinthians, um dos clubes mais populares do país, com a instalação da “Democracia Corinthiana⁸” em 1981, sob liderança de Sócrates, mas sem avanços para outras agremiações. Em 1987, os clubes de futebol de maiores torcidas no Brasil, que haviam fundado o Clube dos Treze⁹, lançaram a Copa União, desafiando o poder da CBF sobre o esporte, através de uma competição em que os próprios clubes negociavam os direitos de transmissão com as redes de televisão (AREIAS 2007). A ruptura institucional representou uma revolução no marketing esportivo brasileiro. Os clubes passaram a contar com verbas e visibilidade nunca antes vistos. O futebol brasileiro transformou-se em produto de exportação. Não só as imagens da Copa União eram negociadas para o exterior¹⁰, mas também os jogadores se tornaram alvo de interesse de clubes estrangeiros (AREIAS 2007). Isso não chegava a ser uma novidade em nível internacional, mas para o cenário brasileiro era algo completamente novo.

⁸ Em atitude inovadora, na época, a diretoria do Corinthians convidou os jogadores sob as lideranças de Sócrates, Casagrande e Wladimir a participarem das decisões do clube, como regime de concentração, contratação de jogadores, nomeação de diretores e com direito a voto na escolha dos futuros presidentes do clube paulistano. O resultado dessa medida foram os excelentes resultados obtidos pela equipe, que culminaram com a conquista do bicampeonato paulista por parte do Corinthians em 1982-83. Alguns jogadores que protagonizaram a *Democracia Corinthiana* se juntaram a líderes políticos no movimento de *Diretas Já!*

⁹ Participaram da fundação da nova entidade: Flamengo, Corinthians, Vasco, Fluminense, Botafogo, São Paulo, Palmeiras, Santos, Internacional, Grêmio, Atlético-MG, Cruzeiro e Bahia.

¹⁰ Os principais mercados eram e continuam sendo Europa e Ásia.

O futebol está associado historicamente com a construção de uma identidade nacional através do êxito internacional da seleção nacional do país e a exportação de grandes jogadores para a Europa desde 1920. O que mudou foi o número e a velocidade com que as negociações passaram a acontecer. O fenômeno se dava em escala mundial:

Não se tratava apenas da maneira como a Internet e os satélites haviam tornado o mundo do futebol tão menor e tão mais acessível. Era possível ver a globalização em ação: nos anos 1990, times bascos, orientados por técnicos galeses, abasteciam-se de jogadores da Holanda e da Turquia; equipes da Moldávia importavam nigerianos. Subitamente parecia que, para onde se olhasse, fronteiras e identidades nacionais tinham sido varridas para a lata de lixo da história. Os melhores clubes agora competiam entre si quase semanalmente em torneios como a Liga dos Campeões Europeus ou a Copa Libertadores da América (FOER, 2005, p. 8).

Guedes (2009) caracteriza este momento, nos anos finais da década de 1980 e início de 1990, como a mercantilização do futebol:

A espetacularização das práticas consideradas como de “alto rendimento” associou-se à difusão de um *habitus* esportivo, transformando milhões de pessoas em consumidores, ativos ou passivos, de produtos esportivos. Sem dúvida, estas grandes mudanças no campo esportivo são desdobramentos do crescimento do mercado transnacional, facilitado por eventos políticos que alteraram, de modo decisivo, as relações mundiais neste período. (...) embora a mercantilização seja coetânea do surgimento das práticas esportivas, a amplificação sem precedentes do mercado em torno do futebol levou à enorme valorização de sua mercadoria mais preciosa: o jogador habilidoso (GUEDES, 2009, pp. 468-469).

Esta nova *virada* representou benefícios, mas também trouxe novas polêmicas administrativas para o futebol no Brasil. Tínhamos e ainda temos uma boa “indústria” de “*pés de obra*”, mas não vencíamos uma competição de reconhecimento internacional há muito tempo. O novo momento necessitava de uma grande conquista no campo de jogo para consolidar o projeto. Esta veio na Copa América de 1989, que não era vencida pela seleção brasileira havia quarenta anos. Poucos anos depois, em 1994, o Brasil voltava a conquistar uma Copa do Mundo e, nas competições seguintes esteve na final, obtendo mais um título¹¹. O futebol brasileiro passa por um novo deslocamento. Os principais jogadores estão fora do país e até mesmo quando convocados para a seleção brasileira recebem a alcunha da mídia de ‘estrangeiros’ ou ‘europeus’. Com a constante troca de times pelos jogadores de futebol, provocada pela mercantilização do esporte, os jovens torcedores têm dificuldade de criar vínculo com os clubes e passam a ser seguidores dos atletas, mesmo que estes estejam em equipes de outras nações. Esta situação talvez ainda não seja vista em grande escala, mas já é notável, principalmente, na infância, e merece ser refletida como um novo comportamento identitário-cultural. São torcedores da celebridade – que vende tênis, games, perfumes e automóveis com valor agregado a sua imagem – e não da agremiação (GUEDES 2009). O novo momento é marcado pelo individualismo, pela invenção de ícones e mitos e pelo culto à personalidade.

A globalização do futebol brasileiro criou novas comunidades em torno do esporte. No momento atual, devido à presença de jogadores da seleção brasileira em times com os quais existe certa identificação, há no Brasil jovens torcedores de clubes europeus, como Barcelona, Real Madrid, Milan, Internazionale e outros. A forte exposição midiática do futebol também contribui com isso.

¹¹ Vice-campeã em 1998, perdendo para a França; campeã em 2002 vencendo a Alemanha.

(...) os processos de globalização cultural em curso não podem deixar de mencionar o futebol como um de seus cenários privilegiados. As partidas de futebol na era pós-moderna seriam fenômenos exclusivamente televisivos, ou seja, eventos reais que somente podem ser experimentados por meio das telas (FIENGO, 2003, p. 257).

Considerações Finais

Em pouco mais de um século, o futebol brasileiro passou por momentos distintos em sua constituição política, principalmente, com lutas de classe nas primeiras décadas seguidas por lutas de poder após o país ter sido sede da quarta edição da Copa do Mundo. Estas lutas de poder são verificadas ainda hoje.

Algumas personagens merecem destaque ao longo desta breve história, como Pelé, Garrincha, Didi, Romário, e Ronaldo entre os atletas, além de figuras políticas que se valeram extremamente do futebol em suas carreiras públicas como Getúlio Vargas, Emílio Médici, e recentemente, o ex-presidente Luiz Ignácio Lula da Silva. Todos converteram suas fortes imagens em instrumentos de poder que contribuíram para liderar a nação.

Portanto, neste texto foi possível vislumbrar transformações, deslocamentos e rupturas no futebol brasileiro, sendo que algumas podemos caracterizar como verdadeiras *viradas*, devido a quebra de paradigmas e a mudança repentina de sentido. Houve e parece que sempre haverá lutas de poder neste campo cultural e marco da identidade dos brasileiros. Não podemos esquecer que temos outra grande transformação em curso: a realização da Copa do Mundo de 2014 no Brasil. Este evento não só trará novas medidas e conceitos administrativos para o futebol brasileiro – como a transformação dos estádios de futebol em arenas multiuso, capazes de receber além de eventos esportivos também espetáculos culturais – como também provocará uma nova ‘onda’ de fortalecimento da modalidade em território nacional. Como será que o cultural brasileiro irá se configurar politicamente após a Copa de 2014? É uma pergunta para refletirmos, e que só poderemos responder após alguns anos.

Parece-me que com a Copa do Mundo de 2014, e sua série de eventos vinculados, o futebol vai aprofundar ainda mais suas raízes no cultural brasileiro, criando novas redes e teias que fisgarão novos adeptos a aficionados da modalidade em território nacional. Hoje, somos muito mais um país de apaixonados pelo futebol e produtores de consumidores desta modalidade, do que realmente o país do futebol como a pátria berço do esporte bretão.

Referências

- AREIAS, João Henrique. Copa União: pela primeira vez, o futebol brasileiro na vanguarda. In: AREIAS, João Henrique. **Uma Bela Jogada: 20 anos de marketing esportivo**. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2007.
- BRANCO, Celso. Os papéis sociais do futebol brasileiro revelados pela música popular (1915-1990). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). **Memória Social dos Esportes – Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad Editora / FAPERJ, 2006.
- COELHO, Frederico Oliveira. Futebol e produção cultural no Brasil: a construção de um espaço popular. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). **Memória Social dos Esportes – Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad Editora / FAPERJ, 2006.
- COSTA, Mauricio da Silva Drumond. Os gramados do Catete: futebol e política na Era Vargas (1930-1945). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). **Memória Social dos Esportes – Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad Editora / FAPERJ, 2006.
- FRANZINI, Fábio. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (orgs.). **História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito do original *El Fútbol a sol y sombra*. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- GUEDES, Simoni Lahud. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (orgs.). **História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro do; SILVA, Carmelo. Pra Frente Brasil ! Comunicação e identidade brasileira em Copas do Mundo. **Esporte e Sociedade**. Ano 5, n.13, nov2009/fev2010.
- NAPOLEÃO, Antonio Carlos. História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905-1941). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). **Memória Social dos Esportes – Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad Editora / FAPERJ, 2006.
- SALVADOR, Marco Antonio Santoro; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **A memória da Copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional**. Campinas: Autores Associados, 2009.
- SANTOS, Ricardo Pinto dos. Tensões na consolidação do futebol nacional. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (orgs.). **História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Futebol: uma paixão coletiva. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). **Memória Social dos Esportes – Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad Editora / FAPERJ, 2006.